



Aqui dormiam os prisioneiros, à espera da morte

be que a Cruz Vermelha vinha inspecionar o campo, mandou construir do dia para a noite.

Andei sala por sala e, numa recordação ao passado, lembrei-me da viagem que fiz ao longo do Chaco, no Paraguai, onde encontrei advogados, médicos, juizes, operários e estudantes encarcerados pelo ditador Morinigo, em miseráveis condições físicas. A opinião pública da América na época, ficou revoltada com os processos políticos de Morinigo. Tivemos, na América do Sul, outros ditadores igualmente cruéis. Os métodos nazistas, porém, constituíram, sem dúvida, os mais monstruosos crimes jamais cometidos contra a Humanidade.

BRASILEIROS MORTOS

Ao sair do forte edificado em fins do século

XVII, passei por um pequeno pátio e deparei com uma força:

Aqui morreram 1.500 patriotas!

Ao deixar Impressões no livro do Museu, o diretor soube da minha nacionalidade e disse-me ter conhecido três brasileiros no campo. Foram capturados em combate, na França, e faziam parte de uma "Legião Estrangeira". Um deles, conhecido por José, trabalhava na cozinha. Outro atendia por "Paulista". Todos estão enterrados no Cemitério Nacional.

Fui ao local indicado e li numa placa: — 601.

Era o número de mortos ali sepultados. A neve começava a cair quando cheguei à necrópole, com suas 26.000 cruces, sem um nome.

Honestamente, ninguém sabe a identidade de muitos mortos. Eles foram jogados em valas comuns e,

quando as tropas russas, com seus tanques, arrombaram as muralhas da prisão, encontraram mais de 60.000 esqueletos em montões. Prenderam, também, o comandante Jockel, enforcado nove meses depois. Vi ainda três pedras de mármore negro, com estes números: 10.000 — 4.509 e 9.700. A mesma desgraça que encerra a história da placa 601.

Sete anos depois da tragédia, as estatísticas revelam que, na Tchecoslováquia, só existem 18.500 israelitas. Mais de 80.000 encontraram a morte em Terezin. O resto era gente cristã.

E a frase de Julius Furick, escrita no desgracado depósito de cadáveres está, agora, gravada em bronze, no alto do portão do execrável campo de concentração:

— "Os que morreram ressuscitarão a liberdade!"

TEMPOS DE SUSPEITA

TRANSCREVEMOS, hoje, na seção competente, a carta de um leitor sobre a atitude de COMÍCIO em relação à Standard Oil.

Aconteceu que outro leitor — um rapaz que foi funcionário da Standard — nos escreveu há tempos, se oferecendo para fazer revelações interessantes sobre a política do grande "trust" no Brasil. Publicamos sua primeira nota. Resolvi, então, entrar em contato pessoal com ele, o que só foi possível algum tempo depois. Veio, aí, a segunda nota, que publicamos em nosso número passado. Talvez ele nos traga outra reportagem.

Mas o que interessa no caso é a atitude do leitor. Como a segunda publicação demorasse, ele tirou logo a sua conclusão: "chantage". Na seção competente o redator competente já mandou esse missivista para o diabo que o carregue.

Sem nenhuma importância em si mesmo, o caso vale, entretanto, por um brilhante sinal dos tempos. Os tempos são de suspeita. Qualquer coisa que qualquer pessoa diga ou deixe de dizer, faça ou deixe de fazer, é recebida com desconfiança. Por ação ou omissão, todo mundo está fazendo a suja. Se você elogia o Ademar, você está levando o dinheiro do Ademar; se você ataca Ademar, você está querendo levar o dinheiro do Ademar. Se você insinua que a senhorita Margaret Truman canta mal, você está se enchendo do ouro de Moscou; se você não acredita que o sr. Stálin seja o pai dos povos, você está se empanturrando de dólares.

O povo sempre foi desconfiado, no que faz muito bem. Mas parece que no momento há uma crise aguda de descrédito; e a explicação que eu acho para isso é que ela é uma reação contra a crise de ingenuidade que empolgou alguns milhões de otários deste país há dois anos atrás. O pior é o dr. Vargas não se limitar a deixar de cumprir o que prometeu. Saudoso das vibrações da massa, sentindo que o povo está decepcionado e frio, ele procura, de vez em quando, levantar o moral com uma bomba. "Vou fisgar tubarões!" — e depois se afunda numa poltrona, chupa seu charuto, cochila. "Falcatruas no Banco do Brasil! O povo saberá o nome dos ladrões, eu os punirei!" E depois, moita — moita, charuto, poltrona, cochilo...

Está claro que depois disso o povo acaba acreditando apenas que nada, nem ninguém, merece crédito. E como a vida vai piorando, a desconfiança vai azedando. Se amanhã alguém disser que o sr. Nereu Ramos é dado ao nudismo de galochas, a informação pega.

Em todo caso deve ficar registrado — acreditem ou não — que na montanha de dinheiro que diariamente chega a esta redação, a Standard não comparece com coisa alguma. Teríamos o maior prazer em publicar os anúncios da excelente gasolina Esso, que é, aliás, a consumida pela frota de caminhões de COMÍCIO e pelos "cadillacs" de seus diretores, redatores e continuos — mas não veio anúncio algum. Nem esse adjetivo "excelente" eles vão pagar, os bilres. O azar é nosso. Quanto à nossa opinião sobre a política de petróleo, é a mesma do sr. Luís Carlos Prestes, do Brigadeiro Eduardo Gomes e (na campanha eleitoral) do sr. Getúlio Vargas; e muitos anos antes de existir COMÍCIO cada um de nós três já pensava assim.

Não nos consideramos três virgens puras no manège da imprensa brasileira. Também já declaramos, no editorial no primeiro número, que não pretendemos salvar o Brasil uma vez por semana. Somos três homens de boa vontade, tementes a Deus e ao tenente Gregório. Mas, por favor, nos deixem viver!

RUBEM BRAGA



SEJA ASSINANTE DE "COMÍCIO"

COMÍCIO é uma revista para ler e guardar. E uma assinatura é a melhor maneira de V., leitor amigo, contar sempre com o seu exemplar semanal, entregue na sua própria casa. Seja também um assinante de COMÍCIO remetendo-nos o CERTIFICADO abaixo, acompanhado da importância de Cr\$ 150,00 (CENTO E CINQUENTA

CRUZEIROS), o que lhe dará direito a uma assinatura anual do nosso semanário.

NOME:

RUA e N.º

CIDADE ESTADO

IMPORTANTE: Faça a sua remessa exclusivamente por: Cheque N.º

ou Vale Postal N.º

(EDITORA GRÁFICA COMÍCIO S. A.

(Rua Álvaro Alvim, 31 - 20.º And. — Rio de Janeiro

ou Valor Declarado